

Resenha. MARX, Karl. *Simón Bolívar por Karl Marx*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2008, 76 p.

Ricardo Prestes Pazello*

Não se trata da primeira edição do texto de *Marx* sobre *Simón Bolívar*, no Brasil. Já começamos por aí. À orelha da recém-aparecida edição brasileira do escrito de *Marx* – elaborado quando de sua contratação para trabalhar na feitura de alguns verbetes para a “New American Cyclopedia”, em 1857 –, lemos que “este texto de *Marx*, descoberto em 1935, é publicado pela primeira vez no Brasil”. Como dissemos, a informação não procede. A edição curiosamente traz seu próprio desmentido: a introdução de *José Aricó*, intitulada “O Bolívar de *Marx*”. Esta é, em verdade, o último capítulo do livro do autor, aparecido em 1980, chamado “*Marx* e a América Latina”. No capítulo reproduzido, *Aricó* relembra que foi *Aníbal Ponce* quem redescobriu o artigo, e o fez por volta de 1935, tendo depois o publicado na revista a qual editava, “*Dialéctica*”. Pois bem, o livro de *Aricó* foi publicado no Brasil dois anos depois de sua versão espanhola, ou seja, em 1982, pela editora Paz e Terra. O que interessa desse emaranhado de dados é que o livro de *Aricó* já trazia como apêndice o texto de *Marx*, fazendo-nos opor ressalvas à própria edição brasileira de 2008 que não se atentou para o fato.

Mas isto são pequenos deslizes que não invalidam a importante iniciativa de se publicar um *Marx* um tanto quanto esquecido e do qual se tem muito esquivado, vale dizer, o “*Marx* jornalista”. Não queremos aqui remontar a trajetória do filósofo da práxis por esta vertente da produção intelectual (a qual, quiçá, teria no texto “O 18 brumário de Luís Bonaparte” seu ápice) nem tampouco apresentar os rudimentos de seu pensamento acerca da América Latina do século XIX. Queremos apontar, isto sim, para o fato de que nunca *Marx* pareceu estar tão atual ou presente, haja vista a verdadeira compulsão editorial por disponibilizar no mercado seus textos. Contudo, não são todas as coleções que estão a reeditar *Marx* que pretendem contribuir para uma visão arejada de sua interpretação. Algumas tratam-no como clássico.

* Mestrando em Teoria e Filosofia do Direito pelo Curso de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (CPGD/UFSC), membro do Núcleo de Estudos e Práticas Emancipatórias (NEPE/UFSC) e bolsista CAPES.

Expliquemo-nos. A recente edição brasileira – “Simón Bolívar por Karl Marx” – tem o mérito de tornar acessível, novamente, um texto importante de um grande autor que merece ter sua obra, em seu conjunto, melhor democratizada. Não obstante, talvez se preste a um objetivo não tanto meritório. É impossível deixar de compreender o contexto no qual se insere esta publicação para se avaliar qual sua importância atual. Ainda que as críticas possam ser feitas a iniciativas latino-americanas de renovação do pensamento socialista que não conseguem se mostrar perfeitas, porque as condições objetivas e subjetivas de nossa historicidade não permitem qualquer aproximação à perfeição, sendo que esta mesma inexistente, não podem tais críticas também manietar a busca pela transformação social, uma prática da qual estamos, há muito tempo, bastante órfãos. Portanto, alertamos para o fato de que certamente não é desprovida de sensíveis intenções a publicação do texto de *Marx* o qual critica violentamente *Bolívar*, quando se gesta na América Latina uma proposta política que não se submete – ao menos, inteiramente – à fôrma hegemônica da cartilha estadunidense, e capitalista, por tentar agregar o potencial aglutinador da história bolivariana ao projeto internacionalista que tem na perspectiva marxista seu lastro principal. Que haja as críticas, sim; mas que do niilismo não se socorram sempre e todos os críticos.

Assim sendo, apresentemos a recente edição do artigo de *Marx*. Como apontamos, introduz o volume um texto do marxista argentino *José Aricó*, em que há uma tentativa de análise do porquê do tom tão severo de *Marx* quanto a *Bolívar*, bem como uma rejeição a algumas interpretações comezinhas frente a este tipo de texto. Assinalemos, também, que há um epílogo escrito por *Marcos Roitman Rosenmann* e *Sara Martínez Cuadrado*, respectivamente professor e pesquisadora da Universidade Complutense de Madri, no qual se encontra uma justificativa ao mesmo tom do artigo marxiano.

É interessante notar, e esta parece ter sido a intenção mesma da publicação, que introdução e epílogo se opõem. *Aricó*, no começo dos anos 1980, propõe uma avançadíssima interpretação do texto; *Roitman Rosenmann* e *Martínez Cuadrado*, porém, insistem em velhas exegeses.

Em suma, *Aricó* apresenta o artigo de *Marx* como sendo tributário de duas linhas de pensamento hegelianas, ainda que uma adotada e a outra, não. Trata-se de aceitar, mesmo que inconscientemente, a idéia de “povos sem história” e rejeitar o estado como produtor da sociedade civil. Portanto, segundo *Aricó*, houve um obscurecimento da “relação assimétrica

entre economia e política”, quer dizer, entre a constatação da inexistência de uma luta de classes na América Latina e o processo de emancipação levado a termo por *Bolívar*. Assim, na visão de uma intérprete de *Aricó*, este consideraria que *Marx* e “a crítica severa que faz a Bolívar passa por seu repúdio às posições autoritárias defendidas por Bolívar”, sendo que este “se constituía no herdeiro arbitrário e despótico daquela tradição político-estatal que havia sempre combatido de uma dupla perspectiva teórica e política”.¹

Aricó, no entanto, não cede a uma crítica reducionista de *Marx*. Diz ser a crítica do eurocentrismo “pobre, limitada e falsa”. Em verdade, é falso opor eurocentrismo a bonapartismo/autoritarismo e mais, chamar *Marx* de eurocêntrico significaria questionar sua verve democrática e popular. Não era esta, definitivamente, a proposta do argentino. Seu intento está mais em encontrar no velho *Marx* um outro ponto de partida, o qual incluía a própria autocrítica, mas uma tal que não jogue a água fora junto com a criança. Dessa maneira, “veredas perdidas” poderiam ser encontradas no pensamento marxiano e a posição da América Latina neste sertão estaria por ser singularizada.

Ao revés, o epílogo dos madrilinhos recai em uma confrontação com o próprio *Bolívar*, sem questionar a postura historicamente contextualizada de *Marx*. Fazendo *tabula rasa* das advertências de *Aricó*, insistem na crítica ao mito político em que se transformou a figura bolivariana. Talvez, entre nós brasileiros, haja casos similares, ainda que em proporções bem menores, de confusões históricas como a causada pela personagem do “libertador”. Basta lembrar dois exemplos, um sulino e outro nordestino: *Sepé Tiaraju*, o índio gaúcho que antes de tombar ferido diz que as terras nas quais habitava tinham dono, podendo ser assimilado tanto por movimentos campestres quanto pelas frentes latifundiaristas do estado sul-rio-grandense; e *Antônio Conselheiro*, o monge que liderou o arraial de Canudos, podendo ser considerado como um dirigente político popular frente ao conflito de classes no interior do nordeste brasileiro (conforme a interpretação de *Darci Ribeiro*), bem como uma figura messiânica que defendia a volta ao monarquismo, como avaliza a historiografia tradicional. É inegável a multiplicidade de apropriações a que podem ser levados tais personagens, mas é igualmente irrecusável perceber que quando apropriados por movimentos democráticos e populares, não podem ser considerados, previamente, como equívocos teóricos, pois equívoca é a própria história.

¹ PRADO, Maria Lígia. “Marx e a América Latina”. Em: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Marx e Engels na história*. São Paulo: Xamã; Humanitas-FFLCH/USP, 1996, p. 332-333.

Sendo assim, fica mais fácil entender o que estão querendo dizer os espanhóis, no seu texto datado de 2001 que fecha a edição brasileira em comento: “é difícil compreender como Bolívar poderia ter servido honradamente ao chamado ‘bolivarianismo democrático e antiimperialista’, e com que direito se podem ter desfilado retratos seus nas recentes manifestações de oposição em Caracas” (p. 75). Não o compreendem porque se mantêm atados a exegeses pouco arejadas e heterodoxas, seja de *Marx*, seja da história. É claro que *Marx* não estava de todo errado ao pintar *Bolívar* como um bestial estadista, mas também é claro que sua interpretação atendia a outras finalidades, indubitavelmente diversas daquelas assinaladas pelos autores do epílogo, os quais, é bem verdade, não negam que *Marx* não tenha desdenhado totalmente a empreita bolivariana, mas, todavia, não deixam de esposar um entendimento desistoricizante: “o espírito bolivariano paira sobre as cabeças dos líderes e dirigentes cujo princípio de atuação é considerado um exemplo a ser seguido” (p. 61).

Tanto a introdução quanto o epílogo ilustram bem a ordem de contrariedades que o artigo de *Marx* provocou e continua provocando. É bom ressaltar que o epílogo dos madrilenhos tem um grande pecado, a falta de originalidade, ao passo que a introdução de *Aricó* expressa o seu contrário. Daqueles, só fica uma revisitação ao comentário de *Anibal Ponce* já analisado por *Aricó* no apêndice de seu “Marx e a América Latina”. E para eles vale sua análise crítica a *Ponce*: “o comentário marginal de Ponce e a própria publicação do artigo de Marx estavam motivados pelo propósito explicitamente *político* de questionar as posições de alguns teóricos nacionalistas e antiimperialistas latino-americanos, tais como Victor Raúl Haya de la Torre e José Vasconcelos”.² Os propósitos que a mesma crítica suscita, hoje, têm a mesma coloração “política”.

Não poderíamos encerrar esta resenha sem fazer uma análise mais focada no texto de *Marx*, assim como não poderíamos deixar de anotar os textos que acompanham a nova edição brasileira, como fizemos até aqui. *Marx* privilegia a trajetória de vida de *Bolívar* naquilo que ela informa sua figura de estadista. Inicia por pincelar sua origem social, notando sua procedência aristocrática e crioula. Também aponta, não sem certo sarcasmo, o fato de ter assistido à coroação de *Napoleão*, em 1804, ao tempo em que residiu na Europa, caracterizando-o *Marx*, posteriormente, como um arremedo napoleônico nas Américas. A

² ARICÓ, José. *Marx e a América Latina*. Tradução de Maria Celeste Marcondes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 143.

partir daí, enseja sua análise da vida pública de *Bolívar*, a qual tem vez entre 1810 e 1811, ao tempo das insurgências de Caracas.

É nota característica do artigo de *Marx* apresentar *Bolívar* como o contrário do que sua mitificação consagrou: nada corajoso, nada diplomático, muito menos bom estrategista. Seja insinuando situações de fuga, seja sugerindo atos de traição, *Marx* faz de *Bolívar* um ditador sem capacidade de controle militar e social. Todo o processo histórico, desde 1810 até 1830, é entremeadado de avanços e influxos, vacilações e destino entregue ao azar. Este último é, inclusive, um fator predominante que informa a ojeriza de *Marx* pelo projeto bolivariano. Após relatar a conquista da Guiana por *Piar* e a convocação do congresso provisório de Angostura chefiado por um triunvirato, *Marx* visibiliza que um dos triúnviros era *Bolívar*, o qual não tardaria em dissolver a estrutura política e se declarar chefe do Conselho Supremo da Nação. Mas *Piar* era um antigo desafeto dentro do quadro dos revoltosos, pois teria acusado-o de covardia e deserção em um episódio que o envolveu frente ao exército espanhol liderado pelo general *Morales*, de quem teria fugido. Isto se passara em 1816. Logo depois, em 1817, *Bolívar* teria novamente o comando do poder central e, ante continuadas desavenças com *Piar*, levá-lo-ia a julgamento, sendo condenado à morte, a qual se concretizaria com um fuzilamento. Pois bem, depois destes acontecimentos, *Bolívar* enfrentaria os espanhóis com vantagem numérica de soldados mas não conseguiria vencê-los, socorrendo-o apenas a sorte. Comenta *Marx*: “dada a maneira como Bolívar dispersava suas forças superiores, elas eram sempre derrotadas quando em separado. [...] Seguiu-se uma deserção após a outra, e tudo parecia resvalar para um completo descalabro”. Disso extrai *Marx* o problema central que fundamenta a história bolivariana: “nesse momento crucial, uma nova conjunção de acontecimentos fortuitos tornou a modificar o rumo da situação” (p. 46) – o apoio de *Santander*, o auxílio inglês e a convocação do congresso nacional de 1819, por influência de *Germán Roscio*.

É pouco provável, porém, que tais acontecimentos se devam apenas ao acaso, puro e inerme. De qualquer forma, *Marx* desferia suas críticas se valendo dessa percepção, como crítica a um ideário liberal que legitimava seu discurso na Europa por exemplos como, dentre outros, o de *Bolívar*. Ainda que se possa pôr sob crivo este conjunto de considerações é inegável que o apoio de tropas estrangeiras foi essencial para os sucessos latino-americanos. Mais de uma vez *Marx* aponta para este fato: o “poderoso socorro da Inglaterra, sob a forma

de homens, navios e munição, e oficiais ingleses, franceses, alemães e poloneses” (p. 46-47), para as batalhas anti-hispânicas de Angostura; “as tropas estrangeiras, compostas sobretudo de ingleses, [que] decidiram o destino de Nova Granada” (p. 47); e “uma tropa de aproximadamente 9 mil homens, um terço dos quais compunha-se de ingleses, irlandeses, hanoverianos e outros estrangeiros bem disciplinados” (p. 48). E mesmo assim, suscita *Marx*, não conseguiu *Bolívar* aniquilar com os espanhóis em menos de 5 anos, quando tinha o dobro de seu exército e a maior parte do território norte da América do Sul.

As últimas batalhas armadas na Venezuela se dariam entre 1823 e 1824, sendo que em 1826, por ocasião do congresso do Panamá, inicia o declínio dos centralistas na Colômbia, favoráveis a *Bolívar* e antagônicos aos federalistas. Daí que no referido congresso se procuraria erigir uma república que abarcaria toda a América do Sul, desde o México até o rio da Prata, passando por Guatemala e Brasil. Mas a constatação de *Marx* é funesta: era o ímpeto de se tornar ditador de toda a região que movia *Bolívar*, verificável na tentativa de instituir um código democrático internacional que, segundo *Marx*, não era mais que o “Código Boliviano”, à moda de *Napoleão*.

Mas este período já estaria marcado pela diminuição do vigor da hegemonia bolivariana, caracterizada por um terrorismo militar, disputa entre facções, divisões territoriais (como a ocorrida entre a Venezuela e a Colômbia) e ameaça de um combate sério contra *Páez*, em nome do congresso colombiano. Sofreria *Bolívar* pressões para renunciar, algo que se concretiza, falecendo de súbito antes de sua ida para o exílio, ao qual fora submetido.

O texto de *Marx* segue esta cronologia histórica, sendo relevante lembrar que encontra nos “excessos cruéis dos espanhóis” (p. 36) a causa para a aceitação de uma resistência à coroa hispânica na América. Tais excessos seriam os verdadeiros recrutadores de exércitos independentistas, algo que se comprovaria com a “degeneração” da ditadura bolivariana em anarquia militar, sendo este o motivo por que “o novo entusiasmo popular transformou-se em descontentamento” (p. 37). Na busca por refrear tal descontentamento, a assembléia de 1814 viria à luz, como forma de dar uma “sanção legal” à “ditadura” (p. 38).

Marx, sem dúvida, procedeu a uma rigorosa e severa análise crítica do processo de emancipações latino-americanas que teve no nome de *Simón Bolívar* o seu ícone. No entanto, estava mais preocupado com seu contexto europeu, seja no âmbito prático ou político, seja no nível teórico. Isto não se confunde com uma rasa crítica ao eurocentrismo dos teóricos do

Atlântico Norte que não conseguem ultrapassar seus limites geopolíticos. *Marx* sempre teve uma visão totalizante, mas sua estratégia voltou-se demasiado para a sua classe proletária inerente ao velho continente. Por isso, deixou escapar as peculiaridades da proposta bolivariana, ainda que sua crítica seja em boa parte mais do que pertinente. Cabe-nos, contudo, hoje e em tempos de descrenças políticas, não fazer da experiência histórica de *Bolívar* um demônio do qual se deve afastar ontologicamente.

Finalizamos recordando um texto sobre *Bolívar* do grande filósofo latino-americano *Leopoldo Zea*, inspirador de toda uma geração que despertou para a América Latina. Diz-nos ele que a proposta de *Bolívar* era, em última instância, a da unificação do continente. Ainda que as duras críticas de *Marx* possam contradizê-lo é inolvidável que sua figura serviu de inspiração a muitos. E *Zea* relembra alguns: *José Martí*, *Francisco Bilbao*, *Juan Bautista Alberdi*, *José Vasconcelos* e, dentre outros, *Augusto César Sandino*. Sem dúvida, heterogêneos pensamentos foram influenciados, assim como diversificadas experiências receberam seu influxo. Assim como “nuevas formas de dominación y servidumbre se harán presentes pero también y frente a ellas, nuevos esfuerzos por ponerles fin. [...] La semilla sembrada, pese a la dura realidad, renacería una y otra vez”. E é por isso que “otros americanos volverán a insistir en la necesidad de la integración de esta América como garantía de sus libertades”.³ Diante desta nova, e sempre nova, conjuntura é que devemos tomar em conta tanto a história de *Bolívar* quanto a interpretação de *Marx*. Daí, de sua mútua informação, poderão surgir impressões mais arejadas e experiências menos contidas, como a existir estão em nosso continente.

³ ZEA, Leopoldo. *Simón Bolívar: integración en la libertad*. México, D. F.: Edicol, 1980, p. 104.